

Área 12 – Questões espaciais no mercado de trabalho  
**Juventude Nem-Nem no Brasil: Uma análise para o período 2015-2019**

Guilherme da Silva Correia<sup>1</sup>  
Keuler Hissa Teixeira<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é estimar o efeito de algumas variáveis condicionantes do status de nem-nem entre os jovens de 15 a 29 anos no Brasil para os anos de 2015 e 2019. Para a análise foram utilizados modelos de regressão logística com dados extraídos da PNAD Contínua. Os resultados apontam que, para ambos os anos, as variáveis que elevavam a chance do jovem estar na categoria estudada eram: ser mulher, residir em área urbana, ter concluído o ensino médio ou superior, ter entre 18 a 24 anos, não ser chefe do domicílio, residir em um domicílio chefiado por uma mulher, estar no primeiro quintil da renda per capita, não possuir crianças pequenas no domicílio e morar na região Sudeste.

Palavras-chave: Nem-Nem. Regressão logística. Mercado de trabalho.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to estimate the effect of some determinant characteristics of NEET status among brazilian young people aged between 15 to 29 years old for 2015 and 2019, logistic regression models were used in the analysis with data extracted from Continuous National Household Sample Survey. The results show that, for both years, as variables that rise the young person's odds of being in the NEET category are: being a woman, residing in an urban area, having completed high school or higher education, aged between 18 and 24, not being the head of the household, residing in a female-headed household, being in the first quintile of per capita income, not having small children at home and live in the Southeast region.

Keywords: NEET. Logistic regression. Labor market.

**JEL code:** J21; J64; I24

## **1. Introdução**

A juventude é um importante período de transição da fase escolar à inserção no mercado de trabalho, é também durante esta fase que este grupo busca atingir maior qualificação profissional a fim de alcançar melhores vagas no mercado de trabalho no futuro. Entretanto, chama atenção o crescimento nas últimas décadas no número de jovens que não trabalham e nem estudam, os chamados nem-nem, e o impacto que essa condição pode ter no longo prazo para estes jovens. O fenômeno passou a ser estudado inicialmente na Inglaterra durante a década de 1990 e logo tornou-se alvo de análise em diferentes países, especialmente nos de economia avançada, sendo este grupo de pessoas considerado um dos mais problemáticos em relação ao desemprego juvenil na Europa atualmente (EUROFOUND, 2012; MALO et al., 2021). Entretanto, essa questão não é apenas experienciada pelas economias avançadas, mas atinge sobretudo países de renda média como África do Sul, Turquia e Brasil (OECD, 2018).

O presente trabalho busca analisar alguns condicionantes socioeconômicos do status de nem-nem entre os jovens brasileiros para os anos de 2015 e 2019. Esse intervalo temporal foi escolhido, pois são diferentes anos de um quadro recessivo pelo qual o país está passando. Serão utilizados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do

---

<sup>1</sup>Mestrando em Economia do CAEN/UFC. E-mail: [guilherme.scorreia18@gmail.com](mailto:guilherme.scorreia18@gmail.com)

<sup>2</sup> Keuler Hissa Teixeira. Professor Associado da FEAC/UFAL Doutor em Economia PIMES/UFPE. E-mail: [keulerhissa@hotmail.com](mailto:keulerhissa@hotmail.com).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este trabalho contribui para a discussão da temática nem-nem ao realizar uma análise dessa condição em anos recentes e dentro de um período de crise. Foram construídos seis modelos de regressão logística para estimar os efeitos das variáveis que contribuem para que os jovens se encontrem na condição de nem-nem em ambos os anos de análise, sendo estes divididos em: um modelo geral, dois para o sexo dos indivíduos, e três relativos à faixa etária dos jovens. Para este estudo, foram considerados jovens indivíduos entre 15 e 29 anos, conforme Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

O trabalho possui cinco seções além desta introdução, a segunda seção apresentará a revisão de literatura sobre o tema em questão. Na terceira será abordada o procedimento metodológico utilizado para a realização deste estudo. Na quarta seção são apresentados os fatos estilizados sobre os jovens brasileiros na condição nem-nem nos anos de 2015 e 2019. Enquanto, na quinta serão apresentados uma análise dos resultados dos modelos de regressão logística e uma discussão a respeito destes. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

## 2. Revisão de literatura

A entrada na juventude é um marco importante de transição na vida de cada ser humano. A partir deste ponto a maioria dos indivíduos passa a fazer escolhas de alocação temporal entre estudo e trabalho. Nas últimas décadas tem crescido o número de pessoas que não conseguem realizar essa transição no padrão habitual do ciclo de vida, ou seja, migrar do ambiente educacional e adentrar no mercado de trabalho, as razões para este fenômeno são as mais diversas, mas passou a ser um problema crescente, em especial nas economias desenvolvidas, os jovens nem-nem e seus impactos nessas sociedades (EUROFOUND, 2012). Os primeiros trabalhos que analisaram o fenômeno nem-nem surgiram no Reino Unido na década de 1980, sendo resultado de uma mudança no regime de benefícios do governo feita através do *1986 Social Security Act*<sup>3</sup>, que retirou o direito ao auxílio de renda a jovens de 16 a 18 anos e instituiu um sistema de garantia de treinamento para esse grupo (MASCHERINI, 2019). No relatório elaborado pela *Social Exclusion Unit* em 1999, foi feito um estudo que buscou quantificar o número de jovens entre 16 e 18 anos que estavam fora do sistema educacional, sem emprego ou treinamento, as razões para estes se encontrarem nesta situação e propostas de solução para diminuir esse quadro significativamente. Foi neste contexto que o termo nem-nem<sup>4</sup> foi inserido pela primeira vez em um documento governamental (SOCIAL EXCLUSION UNIT, 1999; ROSSI, 2017; SILVA, 2020; MASCHERINI, 2019).

A partir deste relatório, diversos trabalhos foram desenvolvidos para explicar essa dinâmica em diferentes partes do mundo. Solucionar o problema passou a ser objetivo em vários países e é, atualmente, a meta 8.6 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), conforme pontuam Malo et al. (2021). Desde 2010 a temática nem-nem passou a guiar o desenho de políticas orientadas para a juventude nos países da União Europeia, sendo um dos principais objetivos do bloco reduzir o número de jovens que se encontram nesse quadro. Dessa forma, o Comitê do Trabalho (*Employment Committee* — EMCO) desenvolveu um indicador para mensurar o tamanho dessa população. Apesar de sua simplicidade, esse indicador ajuda a compreender as vulnerabilidades enfrentadas pela população jovem desses países (EUROFOUND, 2016).

Segundo dados da OECD (2018), no ano de 2018, o percentual de jovens entre 15 e 29 anos com *status* de nem-nem foi de cerca de 13,4% para os países-membros da organização. O quadro é mais crítico em países como a África do Sul, Turquia e Brasil, este último com 24,9%

---

<sup>3</sup> Foi uma lei que modificou os regimes de pensão e as regras de seguridade social no Reino Unido.

<sup>4</sup> O termo utilizado no documento foi NEET (*Not in education, employment or training*). Anteriormente os jovens nessa situação eram conhecidos como *Status Zero*.

de jovens nessa condição, já em países como Islândia, Países Baixos e Suíça a taxa ficou em torno de 7%. A definição de nem-nem é complexa e diversa, possuindo especificidades para os países e instituições internacionais, para a Organização Internacional do Trabalho (OIT) entra nesta categoria os jovens que estão sem estudar, mas são considerados desempregados, já outros autores não consideram os desempregados como integrantes desse grupo (SILVA; VAZ, 2020).

Outra discussão recorrente acerca desse conjunto de jovens recai sobre a delimitação etária a ser utilizada na análise. Essa definição e delimitação permite a adoção de medidas de políticas públicas focalizadas no grupo-alvo. Enquanto, nos países da OCDE, assim como no Brasil, estão nesse grupo indivíduos entre 15 e 29 anos, no Japão a esfera é mais ampla e atinge até mesmo pessoas de 34 anos (DIAS, 2016; ROSSI, 2017). Com o tempo, o perfil dessa categoria de jovens passou a ser mais evidente. Em sua maioria possuem baixa escolaridade, são pobres, são mulheres, principalmente as que já são mães, seus domicílios possuem maior número de crianças ou tem algum indivíduo que necessita de cuidados especiais ou possuem alguma deficiência física (EUROFOUND, 2012; SILVA; VAZ, 2020; MALO et al., 2021). Diante desse quadro, é possível notar que uma parcela considerável dos nem-nem são pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social e sua condição está relacionada a questões de sexo, classe e raça.

Entretanto, vale ressaltar que esse grupo é bastante heterogêneo e as razões para um indivíduo se encontrar nessa situação variam bastante. Os fatores que podem levar um jovem a essa situação podem variar de questões estruturais a pessoais, o que torna fundamental a identificação dos condicionantes de cada pessoa a assumir esse *status* para evitar a homogeneização dessa categoria. Contudo, o processo de homogeneização existe e ocorre dentro da discussão acerca dos jovens nem-nem, pois possui como origem uma visão simplista e estigmatizada a respeito do grupo, o qual muitas vezes é rotulado como preguiçoso e inerte ante às suas obrigações (DIAS, 2016).

Um ponto que desempenha um papel fundamental no entendimento do fenômeno nem-nem é são os condicionantes familiar ao qual os jovens desta categoria estão inseridos. Enquanto, famílias que participam ativamente do processo educacional dos filhos, os estimulando e incentivando, possuem maior probabilidade de terem seus filhos fora desse *status*, crianças que não obtiveram o devido suporte desde a primeira infância detêm mais chance de serem nem-nem durante a juventude, além disso, ter progenitores com maior grau de instrução reduz a possibilidade do jovem se encontrar fora do mercado de trabalho ou estudo no futuro (BYNNER; PARSONS, 2002; BASTA et al., 2019; ALFIERI et al., 2015).

A literatura também ressalta os riscos associados ao futuro dos jovens que se encontram nessa situação no presente, pois este grupo possui uma maior tendência a desenvolver problemas psicopatológicos e de abuso de drogas. Em um estudo realizado entre jovens gregos entre 15-24 anos, Basta et al. (2019) destaca que ser nem-nem eleva significativamente a chance do jovem desenvolver sintomas de depressão e/ou ansiedade, além de aumentar a probabilidade de fazerem uso excessivo de cigarro, álcool e outras drogas recreacionais.

As mulheres são o grupo com maior predominância na categoria nem-nem em todo o mundo, em grande medida esse fato está associado a gestação e matrimônio ainda na adolescência e nos primeiros anos da vida adulta, mas também a imposições culturais presentes em diferentes sociedades (DIAS, 2016; CAMARANO et al., 2006; WICKREMERATNE; DUNUSINGHE, 2018). Contudo, percebe-se uma mudança, ainda que modesta, desse quadro em alguns países, graças à ampliação do acesso e permanência das mulheres no sistema educacional e no mercado de trabalho (KOVROVA et al., 2013; DIAS, 2016; CAMARANO; KANSO, 2012; ALVARADO et al., 2020).

Outra questão a destacar-se sobre o fenômeno nem-nem é impacto no capital humano futuro deste grupo no âmbito nacional, pois ao passo que esses jovens estão fora do mercado de trabalho e do sistema educacional, perdem a oportunidade de desenvolver habilidades que

os permitiriam a ocupar melhores posições no mercado de trabalho posteriormente. Além disso, essa falta de acumulação deste capital por parte da população jovem do país pode afetar no desenvolvimento nacional de longo prazo (BINGÖL; AYHAN, 2020; RÉSIO, 2017; CAMARANO; KANSO, 2012).

Em geral, os jovens nem-nem brasileiros estão inseridos em domicílios de baixo poderio econômico, com poucas pessoas trabalhando e cuja renda está bastante centrada no chefe da família, estes que, geralmente, possuem baixa qualificação educacional (CAMARANO; KANSO, 2012). Segundo Camarano e Kanso (2012), utilizando dados do Censo Demográfico de 2000 e 2010 e das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios de 2001 e 2011, entre 2000 e 2010 houve um crescimento no número de jovens nem-nem no Brasil, sobretudo entre os indivíduos do sexo masculino. Por outro lado, houve uma redução no percentual de mulheres dentro dessa categoria, este movimento é explicado pelo aumento nos anos de estudo das moças mais jovens, entre 15 e 20 anos, e na ampliação da participação das mais velhas, entre 25 a 29 anos, na força de trabalho. Ainda segundo o trabalho, os jovens nem-nem brasileiros estavam inseridos em domicílios com o menor rendimento médio per capita entre os grupos de jovens analisados.

Em Tillmann (2013) é realizada uma análise sobre os determinantes dos salários dos jovens no Brasil. Utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2011, o autor expõe que a inserção prolongada no sistema educacional é crucial para o ingresso do jovem no mercado de trabalho no futuro e possui grande impacto na determinação de seu rendimento futuro. Ademais, também é apontado que ser residente de áreas rurais diminui a probabilidade de indivíduos do sexo feminino ingressarem no mercado de trabalho, porém ocorre um efeito inverso para o sexo masculino, além de reduzir o salário para ambos os gêneros. Por fim, o autor enfatiza a necessidade da adoção de políticas de incentivo à educação e entrada de jovens no mercado de trabalho formal. Monteiro (2013) analisou o perfil de jovens brasileiros de 19 a 24 anos que possuem o *status* de nem-nem e sua evolução de 2001 a 2011. Segundo a autora, a inatividade cresceu entre o público masculino durante o período, por outro lado, a participação feminina no mercado de trabalho aumentou no intervalo estudado, mas ressalta-se que esse grupo representa a maior parcela da população nem-nem do país.

No artigo de Shirasu e Arraes (2020) é realizada uma análise dos custos econômicos dos jovens nem-nem brasileiros a partir dos microdados da PNAD de 2015. Os autores utilizaram um *Propensity Score Matching* que estima os custos por pessoa de ser associado a essa condição para o país. Os resultados indicam que, cerca de 0,61% do PIB nacional, no ano de 2015, foi comprometido em decorrência do fenômeno nem-nem, sendo em sua maior parte relacionado a perda de produtividade da economia.

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Modelo Logit**

A estimação do modelo *logit* é utilizada quando a variável dependente é categórica, que diferentemente das variáveis contínuas não apresenta média nem mediana e, cujos valores podem ser binários ou múltiplos. A regressão logística, ao contrário do Modelo de Probabilidade Linear que pressupõe aumentos constantes dos efeitos das variáveis independentes, permite estimar o efeito incremental das variáveis independentes de forma não linear ao longo do tempo (GUJARATI; PORTER, 2008; GREENE, 2020). O *logit* é utilizado quando busca-se encontrar os efeitos das variáveis independentes sobre a probabilidade do resultado da variável dependente (GREENE, 2020). Dessa forma, pode-se construir um modelo que conecte os fatores socioeconômicos que influenciam a condição nem-nem entre os jovens. Para esta situação, a variável dependente seria definida como:

$$Y = \begin{cases} 1, & \text{se o jovem é nem - nem. Com probabilidade } P. \\ 0, & \text{se o jovem não é nem - nem. Com probabilidade } 1 - P; \end{cases} \quad (1)$$

O modelo *logit*, em termos matemáticos, pode ser descrito da seguinte forma:

$$P_i = Pr(y_i = 1|x_i) = \frac{\exp(\beta_1 + \beta_2 x_i)}{1 + \exp(\beta_1 + \beta_2 x_i)} \quad (2)$$

Na qual  $0 < P_i < 1$ . O modelo de regressão é gerado através da parametrização da probabilidade  $P$  de um vetor regressivo  $1 \times K$  de variáveis explicativas e do vetor dos parâmetros  $\beta$  (CAMERON; TRIVEDI, 2005). A probabilidade da variável dependente ser igual a 1 apresenta uma função de distribuição acumulada logística definida através da seguinte equação:

$$P = \Lambda(\mathbf{x}'\beta) = \frac{e^{\mathbf{x}'\beta}}{1 + e^{\mathbf{x}'\beta}} \quad (3)$$

Na qual  $x'$  é um vetor  $1 \times K$  de variáveis explicativas,  $\beta$  o vetor  $K \times 1$  dos parâmetros e  $\Lambda(\cdot)$  é a função de distribuição acumulada, com  $\Lambda(z) = e^z / (1 + e^z) = 1 / (1 + e^{-z})$ . A estimação do *logit* é obtida através da maximização de uma função log-verossimilhança:

$$\ln(\beta) = \sum_{i=1}^N \{y_i \ln \Lambda(\mathbf{x}'_i \beta) + (1 - y_i) \ln(1 - \Lambda(\mathbf{x}'_i \beta))\} \quad (4)$$

Diferentemente do modelo de regressão linear convencional, o qual permite a partir do coeficiente  $\beta$  a estimação do efeito direto das variáveis explicativas na variável dependente, na regressão logística o parâmetro encontrado não corresponde exatamente ao impacto dos regressores na variável prevista, pois este efeito também dependerá da probabilidade de não ocorrência do evento (CAMERON; TRIVEDI, 2005; GREENE, 2020). Assim, uma maneira de interpretar o modelo *logit* é por meio dos efeitos marginais na razão de chance (*odds ratio*), ou seja, da razão de probabilidade do evento ocorrer sobre a probabilidade deste não se concretizar. Deste modo, tem-se que a razão de chance em favor da ocorrência de um fato é dada por:

$$\frac{P(Y = 1|\mathbf{x})}{P(Y = 0|\mathbf{x})} = \frac{\frac{\exp(\mathbf{x}'\beta)}{1 + \exp(\mathbf{x}'\beta)}}{\frac{1}{1 + \exp(\mathbf{x}'\beta)}} = \exp(\mathbf{x}'\beta) \quad (5)$$

Linearizando, tem-se que:

$$\ln \frac{p}{1-p} = \mathbf{x}'\beta \quad (6)$$

Para este trabalho, o ajustamento dos modelos em relação aos dados será testado a partir de uma variação do teste de Hosmer-Lemeshow presente em Archer e Lemeshow (2006). Isto é necessário, pois a regressão logística precisa ser ajustada ao se realizar uma ponderação da amostra, como no caso dos dados da PNAD Contínua, realizando a estimação um teste F-ajustado da média dos resíduos após a estimação do modelo *logit*.

### 3.2. Base de dados e estratégia empírica

Nesta seção, são apresentadas características da base de dados, seu processo de tratamento e a estratégia empírica a ser empregada. Serão estimados seis modelos *logit* para os anos de 2015 e 2019. Estes modelos possuirão as seguintes categorizações: modelo geral (Modelo 1), modelo para o sexo masculino (Modelo 2), modelo para o sexo feminino (Modelo 3), modelo para a faixa etária dos 15 a 17 anos (Modelo 4), modelo para a faixa etária dos 18 a 24 anos (Modelo 5) e modelo para a faixa etária dos 25 a 29 anos (Modelo 6).

Os dados utilizados são oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a faixa etária estudada recai sobre os jovens de 15 a 29 anos de idade e o período a ser estudado

são os anos de 2015 e 2019. A estimação foi feita de forma individual para cada ano e a amostra foi ponderada para representar a população. A amostra estudada para o ano de 2015 possui 67.278 observações na população alvo, dos quais 7.222 são referentes aos nem-nem. Já para o ano de 2019, 61.424 observações, sendo 8.767 nem-nem. Foram utilizadas as variáveis “peso anual com calibração pela projeção de população” e “estrato” para a composição dos pesos amostrais. A equação geral do modelo estimado é dada por:

$$Y_{nec} = \alpha + \beta_1 \text{sexo} + \beta_2 \text{branco} + \beta_3 \text{idade} + \beta_4 \text{instruc} + \beta_5 \text{renda\_pc} + \beta_6 \text{cond\_dom} + \beta_7 \text{ncr} + \beta_8 \text{resp\_dom} + \beta_9 \text{urbano} + \beta_{10} \text{regiao} \quad (14)$$

As variáveis utilizadas para a estimação dos modelos se basearam no referencial empírico apresentado na seção anterior. Sendo estas: sexo do indivíduo, cor ou raça, faixa etária, nível de instrução, renda *per capita* do domicílio, condição no domicílio, número de crianças pequenas na residência, domicílio chefiado por mulher, situação do domicílio, macrorregião de residência do indivíduo. A construção da variável dependente foi realizada através das variáveis “condição de ocupação” e “frequenta escola?” e assume valor 1 para os jovens que estão desocupados e sem frequentar a escola e 0 caso o jovem esteja em alguma outra situação de atividade. A variável de sexo é categórica e possui valor 0 para mulheres e 1 para homens, assim, pode-se comparar os resultados do sexo masculino em relação aos do feminino. Na variável cor ou raça foi realizada uma recodificação e o valor 0 designa indivíduos não brancos e 1 indivíduos brancos, dessa forma, a interpretação ocorre em comparação com a categoria de não brancos.

A idade dos indivíduos foi dividida em três faixas. A variável foi criada a partir de um filtro da variável de idade e apresenta os valores: 1 para jovens entre 15 e 17 anos, 2 para os que têm entre 18 e 24 anos e 3 aos de 25 e 29 anos. Para a escolaridade do indivíduo, realizou-se uma recodificação da variável de nível de instrução mais elevado alcançado, sendo agrupados em seis categorias: 1 para indivíduos sem instrução ou com fundamental incompleto, 2 fundamental completo, 3 médio incompleto, 4 médio completo, 5 superior incompleto e 6 superior completo, sendo o primeiro grupo a categoria de referência.

O rendimento *per capita* do domicílio foi gerado por meio de quintis dos valores encontrados na variável de rendimento (efetivo) domiciliar *per capita* (exclui rendimentos em cartão/tíquete transporte ou alimentação). Dessa forma, tem-se que: 1 indivíduos cujo domicílio se encontra no primeiro quintil, 2 segundo quintil, 3 terceiro quintil, 4 quarto quintil e 5 quinto quintil, sendo o primeiro quintil a categoria de referência.

Em relação à condição do indivíduo no domicílio, foi realizada uma recodificação da variável de condição no domicílio para que fosse separada em quatro categorias: 1 chefe, 2 cônjuge, 3 filho e 4 outros, com o chefe sendo a categoria de referência. Além disso, foi criada uma variável *dummy* para domicílios chefiados por mulheres, que possui os seguintes valores: 0 se o domicílio não é chefiado por mulheres e 1 caso contrário. Criou-se uma variável qualitativa para a contabilização do número de crianças pequenas no domicílio. Para a construção dessa variável considerou-se apenas as crianças com até cinco anos de idade, pois até esta idade é necessário maior cuidado e despendimento de tempo na criação. Sendo esta separada nas seguintes categorias: 1 para domicílios sem crianças, 2 para os com uma criança, 3 para os que tem duas, 4 para os que possuem três ou mais crianças, sendo os domicílios sem crianças pequenas a categoria de referência.

No tratamento da variável situação do domicílio, adotou-se valor 0 para moradores da área rural e 1 para os da zona urbana. Já as macrorregiões foram divididas com base nas Unidades da Federação (UF) que as compunham e utilizou-se a região sudeste como a referência, dessa forma tem-se que: 1 é referente ao Sudeste, 2 Norte, 3 Nordeste, 4 Sul e 5 Centro-Oeste, o Sudeste foi a região de referência. As variáveis utilizadas nos modelos a serem estimados estão disponíveis no Quadro 1.

**Quadro 1** – Descrição das variáveis para os modelos estimados

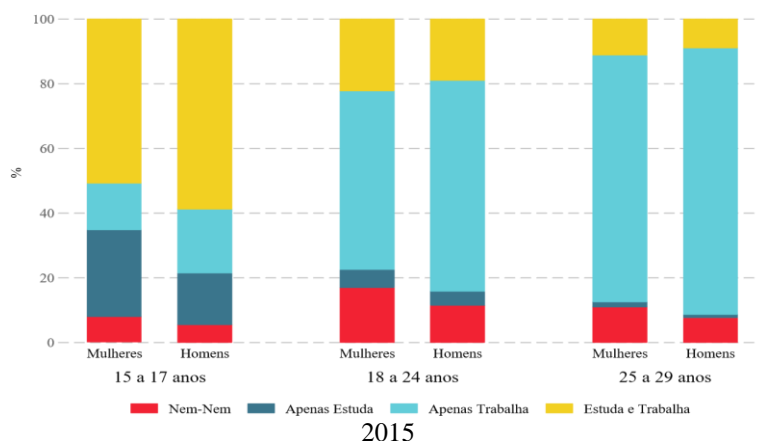
| Variáveis | Descrição   | Valores   |
|-----------|---|---|
| sexo      | Sexo do Indivíduo                                 | 0 = feminino; 1 = masculino   |
| branco    | Se o indivíduo é branco                           | 0 = não branco; 1 = branco  |
| instruc   | Nível de instrução mais elevado alcançado         | 1 = sem instrução ou com fundamental incompleto; 2 = fundamental completo; 3 = médio incompleto; 4 = médio completo; 5 = superior incompleto; 6 = superior completo |
| renda_pc  | Quintil da renda <i>per capita</i> do domicílio   | 1 = primeiro quintil; 2 = segundo quintil; 3 = terceiro quintil; 4 = quarto quintil; 5 = quinto quintil   |
| cond_dom  | Condição no domicílio                             | 1 = chefe; 2 = cônjuge; 3 = filho; 4 = outros   |
| ncri      | Número de crianças menores de 5 anos no domicílio | 1 = domicílio sem crianças; 2 = uma criança; 3 = duas crianças; 4 = três ou mais crianças   |
| regiao    | Macrorregião de residência do indivíduo           | 1 = sudeste; 2 = norte; 3 = nordeste; 4 = sul; 5 = centro-oeste   |
| Urbano    | Situação do domicílio                             | 0 = rural; 1 = urbano   |

Fonte: Elaboração própria a partir da PNADC.

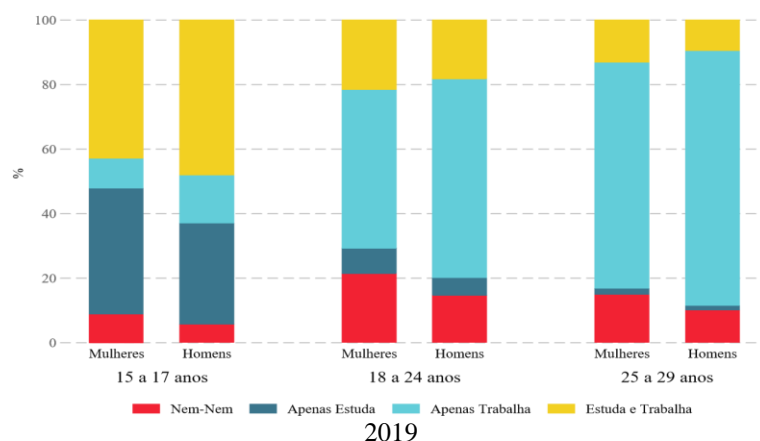
#### 4. Fatos estilizados para os jovens na condição de nem-nem no Brasil entre 2015 e 2019

Segundo dados da PNAD Contínua, em 2019, no Brasil existiam cerca de 50,2 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa, aproximadamente, 24% da população do país. Entre estes jovens, 14,6% eram nem-nem, dos quais 53,6% eram do sexo feminino. Conforme Figura 1, a proporção dos jovens sem estudo e sem trabalho é maior na faixa etária dos 18 aos 24 anos. Em geral este grupo está em busca do primeiro emprego ou fazendo a transição entre a escola e o mercado de trabalho e/ou para o ensino superior. Ademais, nota-se que porcentagem de indivíduos do sexo feminino na condição de nem-nem é maior que a do sexo masculino em todas os intervalos etários analisados. Este fato pode ser explicado pelas imposições culturais que são colocadas nessas jovens, as quais têm que assumir várias responsabilidades desde cedo nos afazeres domésticos, além disso existe um papel importante na gravidez durante a adolescência que acaba por muitas vezes retirando estas jovens tanto do sistema educacional quanto do mercado de trabalho por alguns anos (CAMARANO et al., 2006; BYNNER; PARSONS, 2002; MASCHERINI, 2019). Para ambos os sexos, conforme a idade aumenta, maior é a proporção da categoria "apenas trabalha".

**Figura 1** – Percentual de jovens nem-nem no Brasil por sexo, faixa etária e categoria entre 2015 e 2019.



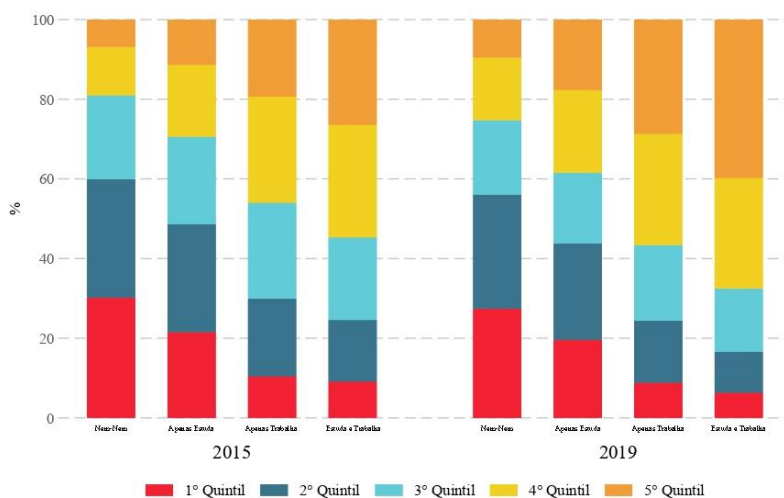
2015



Fonte: PNADC/IBGE (2021). Elaboração Própria.

Ao analisar o fenômeno nem-nem pela ótica da renda, percebe-se que, quanto maior a renda do domicílio, menor a proporção de jovens na condição nem-nem. Para o ano de 2015, 30% dos nem-nem brasileiros estavam no primeiro quintil da renda domiciliar *per capita*, já para o ano de 2019 esse percentual caiu para 27,3%. Contudo, vale ressaltar que houve um incremento para as faixas de maior poder aquisitivo entre 2015 e 2019 nas outras categorias estudadas. Em especial evidencia-se a proporção de jovens que estudam e trabalham e que estão no 5º quintil, que saltou de 26,4% para 39,8%, conforme Figura 2.

**Figura 2** – Distribuição da população jovem no Brasil por quintis da renda domiciliar *per capita* e categorias de atividade - 2015 e 2019.

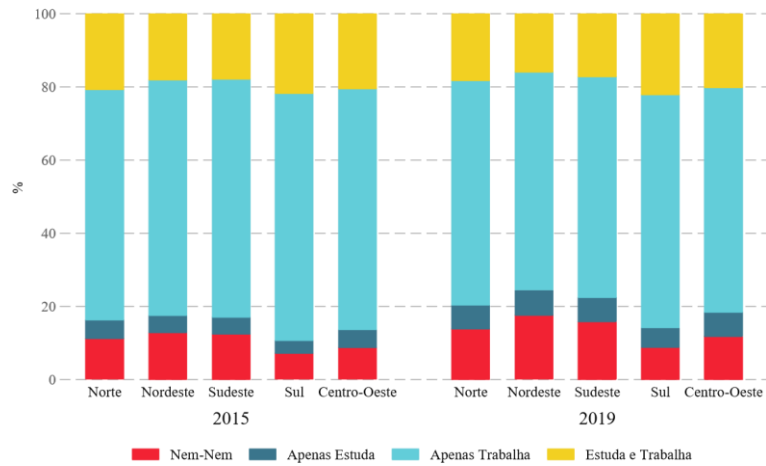


Fonte: PNADC/IBGE (2021). Elaboração Própria.

Quanto à distribuição regionalizada dos jovens nem-nem no Brasil, observa-se que a Região Sul é a que apresenta a menor proporção de jovens nem-nem, seguido do Centro-Oeste. O Nordeste aparece com o maior percentual em ambos os anos, uma diferença em relação ao Sul de, aproximadamente 5,7% em 2015 e 8,9% em 2019, o que pode indicar que a crise econômica do período atingiu de maneira mais significativa os estados nordestinos, contudo ressalta-se que houve incrementos para a categoria em todas as regiões durante o período estudado. Ademais, nota-se também um aumento da categoria “apenas estuda” em todas as macrorregiões. Conforme é possível analisar na Figura 3.

**Figura 3** – Proporção de jovens no Brasil por categoria de atividade e Grande Região - 2015 e 2019

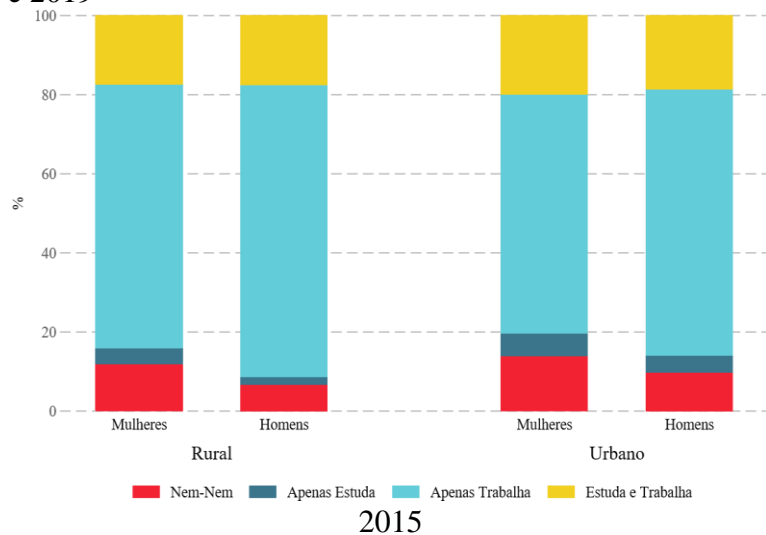


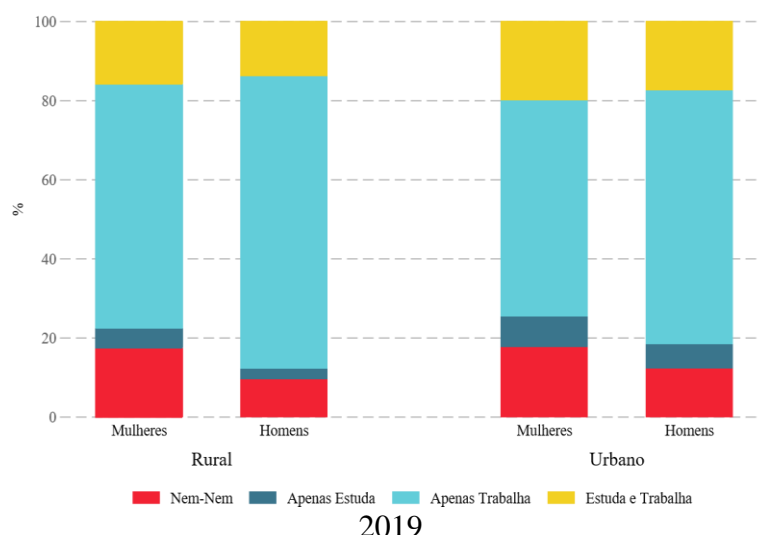


**Fonte:** PNADC/IBGE (2021). Elaboração Própria.

Para o ano de 2015, ser residente de área urbana era um fator de aumento na proporção de nem-nem para homens e mulheres. Por outro lado, os percentuais de mulheres que eram nem-nem tanto no interior quanto na cidade eram similares, em torno de 17%. Nota-se também um aumento considerável, para ambos os sexos, no percentual de jovens nem-nem no ano de 2019, podendo ser uma indicação da piora macroeconômica experienciada durante o período, cujos efeitos atingiram sobretudo as mulheres da zona rural, conforme é possível observar na Figura 4. A categoria “apenas trabalha” é a predominante para homens e mulheres tanto do meio rural quanto do meio urbano. Além disso, a proporção da categoria “apenas estuda” é maior entre o sexo feminino, tendo esta um aumento considerável para as moças, cuja residência se localiza em área urbana.

**Figura 4** – Proporção de jovens no Brasil por categoria de atividade, segundo situação do domicílio - 2015 e 2019





Fonte: PNADC/IBGE (2021). Elaboração Própria.

## 5. Resultados e discussões

Na seção seguinte são apresentados os resultados dos modelos *logit* estimados e, por fim, é realizada uma discussão a respeito destes resultados e as implicações para os jovens nem-nem brasileiros.

### 5.1. Resultados das estimações do modelo geral e por sexo para 2015 e 2019

Os resultados dos modelos gerais para 2015 e 2019 são apresentados na Tabela 1. Dentre as variáveis avaliadas, para ambos os anos, as que mais elevaram a chance do jovem ser nem-nem foram as relativas à faixa etária, jovens que estão entre 18 a 29 anos são os mais propensos a serem nem-nem em relação à categoria de referência. Tendo, a faixa dos 18 a 24 anos, uma chance 3,37 vezes maior em 2015 e 4,1 em 2019, já o grupo entre 25 a 29 anos, 2,57 e 3,41 vezes respectivamente, os dois intervalos etários foram estatisticamente significantes nos dois períodos analisados. Em seguida, a variável de residência em zona urbana também se mostrou como um fator de aumento de chance para ambos os anos analisados, 2,37 vezes para 2015 e em 94,2% para 2019, quando comparado com a área rural, sendo estatisticamente significativa para os dois casos. Ser morador de outras regiões que não a Sudeste não contribui para o indivíduo não estudar e estar fora do mercado de trabalho em ambos os anos da análise e todas as categorias desta variável apresentaram significância estatística.

Para o ano de 2015, ser cônjuge do chefe da família aumentou em 77% a possibilidade do jovem ser nem-nem. Para 2019, a condição não foi estatisticamente significativa. As outras categorias relacionadas à condição no domicílio, ser filho ou possuir outro vínculo de parentesco com o responsável, mostram-se estatisticamente significantes em ambos os anos e elevam a chance do jovem se encontrar na categoria estudada, para os filhos elevou em 2,44 vezes em 2015 e duas vezes em 2019, já para os outros parentes 2,49 e 2,23 vezes, respectivamente. Residir em domicílio chefiado por uma mulher aumenta a possibilidade do jovem ser nem-nem e apresentou significância estatística nos dois anos analisados, sendo o aumento de 58,2% em 2015 e 50% em 2019.

Em 2019, indivíduos brancos tiveram 6,7% a menos de chance de estarem fora do mercado de trabalho e do sistema educacional em relação aos não-brancos. Para o ano de 2015, a variável não foi estatisticamente significativa. No que diz respeito à renda, para ambos os anos analisados, a variável foi estatisticamente significativa e estar inserido em faixas de renda domiciliar *per capita* mais elevadas reduz a chance do jovem possuir o *status* nem-nem, o grupo de maior renda, por exemplo, teve em torno de 94% a menos de chance que os do primeiro quintil para os dois anos.

No que tange à escolaridade do indivíduo, ter completado o ensino fundamental não se mostrou estatisticamente significativo nos dois períodos, não ter concluído o ensino médio diminuiu a chance do jovem ser nem-nem em relação aos que não chegaram a concluir o ensino fundamental tanto em 2015 quanto em 2019, sendo a redução de 27,5% e 29,3% respectivamente, apresentando significância em todos os níveis. Ter concluído o ensino médio foi significativo e elevou a chance do jovem ser nem-nem em ambos os períodos, a elevação foi de 37,8% e 45,1%, respectivamente. Não ter finalizado o ensino superior diminuiu a possibilidade do jovem estar na categoria estudada para os dois anos, em 73,4% e 70,7%. Já a conclusão do ensino superior apresentou significância e aumentou a chance do jovem estar na condição de nem-nem em 69,4% em 2015 e 27,5% em 2019. A presença de crianças menores de cinco anos de idade no domicílio não foi um fator que eleva a chance do indivíduo estar na condição nem-nem na comparação com a categoria de referência. Sendo que, para 2019, quanto mais crianças na residência, maior era a chance do indivíduo não estar na categoria estudada.

Ainda na Tabela 1 são apresentados os resultados dos modelos por sexo para 2015 e 2019. No modelo estimado para os homens, em ambos os anos, a variável referente à cor da pele não foi estatisticamente significativa. Por outro lado, mulheres brancas tiveram menor chance de serem nem-nem nos dois anos analisados, uma redução de 14,9% para 2015 e 9,9% em 2019. Para ambos os sexos, nos dois períodos, as variáveis referentes às faixas etárias tiveram significância estatística e elevaram a chance do indivíduo estar na categoria de nem-nem em relação aos jovens entre 15 a 17 anos. Ser residente de área urbana eleva a chance do jovem não estudar e nem trabalhar para os dois sexos tanto em 2015, aumento de 2,85 vezes para os homens e 2,02 para as mulheres, quanto em 2019, 2,29 vezes para o sexo masculino e em 70% para o feminino, sendo a variável estatisticamente significativa. Morar fora da região Sudeste teve como efeito a redução da possibilidade de homens e mulheres, em 2015 e 2019, de serem nem-nem. A variável apresentou, para todos os níveis, significância estatística.

No que concerne ao nível de instrução, a categoria de indivíduos que completaram até o ensino fundamental não foi estatisticamente significativa para os dois modelos em ambos os anos. Ter o ensino médio ou superior incompleto diminuiu a chance do indivíduo ser nem-nem na comparação com os que não chegaram a concluir o ensino fundamental em ambos os modelos para os dois anos analisados. Possuir o ensino médio concluído elevou as chances para homens e mulheres, tanto em 2015 quanto em 2019, de apresentarem o *status* nem-nem quando comparados com os que não possuem instrução, sendo a categoria significativa. Já em relação aos que concluíram o ensino superior, em 2015, tanto homens quanto mulheres, tiveram aumento na chance de serem nem-nem, contudo, este grau de instrução não demonstrou significância para as mulheres em 2019.

Em relação à condição do indivíduo no domicílio, ser cônjuge foi estatisticamente significativo para as mulheres no ano de 2015 e elevou a chance destas de se encontrarem nessa situação em 2,1 vezes. Por outro lado, a condição não teve significância estatística em 2019. Para os homens aconteceu o inverso, enquanto em 2015 ser companheiro do chefe de domicílio foi estatisticamente não significativo, em 2019 pertencer a este estrato diminuiu a chance de o jovem do sexo masculino estar sem estudar e sem trabalhar em 37,7%.

No que tange à renda domiciliar, tanto para homens quanto para mulheres, nos dois anos analisados, identificou-se que, estar em estratos de renda mais elevados reduz a possibilidade do jovem estar na categoria nem-nem, tendo os indivíduos do quinto quintil, para ambos os sexos e nos dois períodos, cerca de 95% a menos de chance em relação ao grupo de referência. A variável foi significativa em todas as situações. A presença de crianças pequenas no domicílio não eleva a chance do indivíduo estar na condição de nem-nem na comparação com domicílios sem crianças nos dois anos estudados para ambos os sexos. Ressalta-se, porém, que a presença de três ou mais crianças no domicílio não foi estatisticamente significativa para o modelo das mulheres tanto em 2015 quanto em 2019.

**Tabela 1** – Razões de chance sobre a probabilidade de ser nem-nem no Brasil, modelo geral e com discriminação por sexo - 2015 e 2019

| Variáveis   | 2015      |           |           | 2019      |           |           |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
|   | Total     | Homens    | Mulheres  | Total     | Homens    | Mulheres  |
| Sexo  | 0.684***  | -         | -         | 0.618***  | -         | -         |
| Branco  | 0.934     | 1.022     | 0.851**   | 0.933+    | 0.966     | 0.901+    |
| Urbano  | 2.372***  | 2.845***  | 2.015***  | 1.942***  | 2.291***  | 1.704***  |
| Nível de Instrução (Ref. Até EF incomp.)                      |           |           |           |           |           |           |
| EF completo   | 0.929     | 0.963     | 0.890     | 0.923     | 0.953     | 0.851     |
| EM incompleto   | 0.725***  | 0.698***  | 0.757**   | 0.707***  | 0.635***  | 0.743**   |
| EM completo   | 1.378***  | 1.287***  | 1.495***  | 1.451***  | 1.438***  | 1.416***  |
| ES incompleto   | 0.266***  | 0.320***  | 0.243***  | 0.293***  | 0.347***  | 0.258***  |
| ES completo   | 1.694***  | 1.588***  | 1.893***  | 1.275**   | 1.533***  | 1.177     |
| Faixa etária (Ref. 15 a 17 anos)                              |           |           |           |           |           |           |
| 18 a 24 anos  | 3.374***  | 3.511***  | 3.196***  | 4.060***  | 4.206***  | 3.889***  |
| 25 a 29 anos  | 2.570***  | 3.277***  | 2.043***  | 3.413***  | 4.057***  | 2.905***  |
| Condição no domicílio (Ref. Chefe)                            |           |           |           |           |           |           |
| Cônjuge   | 1.766***  | 1.094     | 1.226+    | 1.137     | 0.623***  | 0.987     |
| Filho   | 2.438***  | 2.628***  | 1.400***  | 1.999***  | 2.098***  | 1.248**   |
| Outros parentes   | 2.489***  | 2.656***  | 1.447**   | 2.230***  | 2.341***  | 1.430***  |
| Quintos de rendimento domiciliar per capita (Ref. 1o. Quinto) |           |           |           |           |           |           |
| 2o. Quinto  | 0.408***  | 0.369***  | 0.438***  | 0.461***  | 0.391***  | 0.526***  |
| 3o. Quinto  | 0.198***  | 0.169***  | 0.219***  | 0.181***  | 0.149***  | 0.204***  |
| 4o. Quinto  | 0.0830*** | 0.0770*** | 0.0836*** | 0.0966*** | 0.0765*** | 0.113***  |
| 5o. Quinto  | 0.0518*** | 0.0414*** | 0.0595*** | 0.0527*** | 0.0419*** | 0.0599*** |
| Mulher responsável pelo domicílio                             | 1.582***  | -         | -         | 1.499***  | -         | -         |
| Crianças no domicílio (Ref. Sem crianças)                     |           |           |           |           |           |           |
| 1 crianças  | 0.714***  | 0.595***  | 0.828**   | 0.712***  | 0.529***  | 0.900+    |
| 2 crianças  | 0.518***  | 0.457***  | 0.582***  | 0.585***  | 0.425***  | 0.759**   |
| 3 ou mais crianças  | 0.596**   | 0.343***  | 0.978     | 0.539***  | 0.318***  | 0.838     |

(continua)

**Tabela 1** – Razões de chance sobre a probabilidade de ser nem-nem no Brasil, modelo geral e com discriminação por sexo - 2015 e 2019 (continuação)

|                            |          |          |          |          |          |          |
|----------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Região (Ref. Sudeste)      |          |          |          |          |          |          |
| Norte                      | 0.592*** | 0.537*** | 0.654*** | 0.508*** | 0.427*** | 0.603*** |
| Nordeste                   | 0.620*** | 0.646*** | 0.592*** | 0.647*** | 0.613*** | 0.675*** |
| Sul                        | 0.717*** | 0.697*** | 0.740*** | 0.681*** | 0.631*** | 0.724*** |
| Centro-Oeste               | 0.729*** | 0.710*** | 0.746**  | 0.731*** | 0.655*** | 0.798**  |
| No. Obs.                   | 67208    | 39389    | 27819    | 61387    | 34872    | 26515    |
| F                          | 111.7    | 68.70    | 56.67    | 125.1    | 80.33    | 59.87    |
| Teste F-Ajustado (p-valor) | 0.563    | 0.115    | 0.487    | 0.473    | 0.270    | 0.685    |

Nota: + p<.10, \* p<.05, \*\* p<.01, \*\*\* p<.001. Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNADC.

## 5.2. Resultados das estimações para modelos por faixa etária

Na Tabela 2 são apresentados os resultados dos modelos por grupo etário. Os modelos *logit* estimados para a faixa etária dos 15 a 17 anos, tanto para 2015 quanto para 2019, mostraram-se não adequados pelos testes de ajustabilidade, por este motivo serão desconsiderados na análise.

Ser homem mostrou-se como um fator redutor das chances do jovem se encontrar na condição de nem-nem nos dois grupos etários analisados em ambos os anos (uma redução para os que tinham entre 18 a 24 anos de 34,1% em 2015 e 40,1% em 2019). Já na segunda faixa etária 28,3% e 38%, respectivamente, sendo a variável significativa em todos os modelos. A variável que classifica se o indivíduo é branco apresentou significância estatística para a faixa etária dos 18 a 24 anos apenas no ano de 2019 e fora um aspecto que reduziu em 8,8% a possibilidade do jovem estar nessa condição. Para o outro grupo etário esta não foi significativa em ambos os anos estudados. Estar nos quintis mais elevados de renda domiciliar per capita foi um elemento de redução da chance do jovem ser nem-nem nos dois grupos etários estudados em ambos os anos.

Viver em área urbana foi estaticamente significativa para ambas as faixas etárias nos dois anos analisados e apresentou-se como um elemento que elevou a chance do jovem ser nem-nem. Para o primeiro grupo etário, aumentou a possibilidade em 2,56 vezes em 2015 e em 94,7% em 2019, já pra o segundo grupo, 2,32 vezes e em 97%, respectivamente. A variável que trata da macrorregião de residência do indivíduo foi estaticamente significativa nos dois modelos para ambos os anos e indicou que residir fora da região Sudeste diminui a possibilidade do jovem estar na categoria estudada.

Em relação à escolaridade do indivíduo, no ano de 2015, ter concluído o ensino fundamental não foi estatisticamente significativa nos dois modelos. Já para 2019, apenas na faixa etária dos 25 a 29 anos houve significância, sendo um aspecto que elevou em 21,6% a chance do jovem ser nem-nem na comparação com os que não concluíram. A categoria dos não concluintes do ensino médio apresentou significância apenas para o grupo etário de 18 a 24 anos nos dois anos analisados e foi um elemento de redução da chance do jovem apresentar o *status* nem-nem, sendo esta redução de 26,4% em 2015 e 34,1% em 2019.

Já a categoria dos que concluíram o ensino médio apresentou significância estatística em ambos os modelos para os dois períodos e foi um elemento de aumento na chance do jovem ser nem-nem. Por outro lado, possuir o ensino superior incompleto mostrou-se como aspecto de redução na chance, 83,4% a menos de possibilidade para os que tinham entre 18 a 24 anos e 43,5% aos que possuíam entre 25 a 29 anos em 2015. Ter concluído o ensino superior elevou a chance dos jovens estarem sem estudar e sem trabalhar em 89,1% para o primeiro grupo e 72,3% para o segundo em 2015 e 32,9% e 33,6% em 2019.

Ser cônjuge do chefe do domicílio não foi estatisticamente significativa para o ano de 2019 nas duas faixas etárias, contudo, para o ano de 2015 a condição foi um fator que elevou a possibilidade do jovem ser nem-nem em 2,1 vezes para o intervalo de 18 a 24 anos e em 56,9% nos que possuem entre 25 a 29 anos. Ser filho ou ter outro grau de parentesco com responsável pelo domicílio foi um elemento de aumento na chance do indivíduo estar na categoria estudada em ambos os anos nos dois grupos etários.

Viver em um domicílio chefiado por mulher subiu a chance do jovem estar na condição de nem-nem nos dois intervalos de idades em 2019 (para quem tinha entre 18 a 24 anos elevou em 56,44% e em 43,2% nos que possuíam entre 25 a 29 anos). Em 2015 esta variável foi significativa apenas para a faixa dos 18 a 24 anos, elevando em 2,21 vezes a possibilidade destes de estarem fora do mercado de trabalho e sem estudar. A presença de crianças pequenas na residência não se mostrou um aspecto que eleva a chance do indivíduo não estudar e não trabalhar nos dois modelos tanto para 2015 quanto para 2019.

**Tabela 2** – Razões de chance sobre a probabilidade de ser nem-nem no Brasil, modelos discriminados por faixa etária - 2015 e 2019

| Variáveis   | 2015          |               |               | 2019          |               |               |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
|   | Idade 15 a 17 | Idade 18 a 24 | Idade 25 a 29 | Idade 15 a 17 | Idade 18 a 24 | Idade 25 a 29 |
| Sexo  | 0.807         | 0.659***      | 0.717***      | 0.688+        | 0.599***      | 0.620***      |
| Branco  | 0.738+        | 0.921         | 0.985         | 1.003         | 0.912+        | 0.960         |
| Urbano  | 1.456*        | 2.562***      | 2.322***      | 1.904**       | 1.947***      | 1.970***      |
| Nível de Instrução (Ref. Até EF incomp.)                      |               |               |               |               |               |               |
| EF completo   | 0.471***      | 1.010         | 1.050         | 0.367***      | 0.906         | 1.216+        |
| EM incompleto   | 0.254***      | 0.736***      | 1.086         | 0.216***      | 0.659***      | 1.110         |
| EM completo   | 5.118***      | 1.397***      | 1.296**       | 9.355***      | 1.481***      | 1.293**       |
| ES incompleto   | 2.214         | 0.166***      | 0.565**       | 2.080         | 0.165***      | 0.657*        |
| ES completo   |               | 1.891***      | 1.723***      |               | 1.329*        | 1.336*        |
| Condição no domicílio (Ref. Chefe)                            |               |               |               |               |               |               |
| Cônjuge   | 6.195*        | 2.102***      | 1.569***      | 0.413         | 1.231         | 1.086         |
| Filho   | 2.118         | 2.563***      | 2.754***      | 0.219         | 1.957***      | 2.293***      |
| Outros parentes   | 5.022*        | 2.462***      | 2.464***      | 0.318         | 2.183***      | 2.329***      |
| Quintos de rendimento domiciliar per capita (Ref. 1o. Quinto) |               |               |               |               |               |               |
| 2o. Quinto  | 0.629*        | 0.450***      | 0.302***      | 1.040         | 0.514***      | 0.337***      |
| 3o. Quinto  | 0.453***      | 0.221***      | 0.132***      | 0.455**       | 0.196***      | 0.133***      |
| 4o. Quinto  | 0.235***      | 0.0907***     | 0.0548***     | 0.411*        | 0.103***      | 0.0709***     |
| 5o. Quinto  | 0.125***      | 0.0613***     | 0.0330***     | 0.150***      | 0.0655***     | 0.0333***     |
| Mulher responsável pelo domicílio                             | 4.202         | 2.209***      | 1.223         | 1.703         | 1.564**       | 1.432**       |
| Crianças no domicílio (Ref. Sem crianças)                     |               |               |               |               |               |               |
| 1 criança   | 1.117         | 0.699***      | 0.678***      | 1.185         | 0.727***      | 0.670***      |
| 2 crianças  | 1.511         | 0.484***      | 0.468***      | 1.267         | 0.574***      | 0.540***      |
| 3 ou mais crianças  | 1.129         | 0.501**       | 0.572*        | 0.672         | 0.510***      | 0.517*        |
| Região (Ref. Sudeste)   |               |               |               |               |               |               |
| Norte   | 0.347***      | 0.675***      | 0.495***      | 0.438**       | 0.496***      | 0.529***      |
| Nordeste  | 0.529**       | 0.634***      | 0.600***      | 0.840         | 0.640***      | 0.631***      |
| Sul   | 0.770         | 0.733***      | 0.654***      | 0.848         | 0.729***      | 0.588***      |
| Centro-Oeste  | 0.704         | 0.693***      | 0.790*        | 0.845         | 0.751***      | 0.673***      |
| No. Obs.  | 6534          | 34047         | 26627         | 4685          | 32072         | 24630         |
| F   | 13.19         | 70.70         | 51.95         | 14.11         | 65.66         | 58.17         |
| Teste F-Ajustado (p-valor)                                    | 0.000         | 0.151         | 0.993         | 0.000         | 0.415         | 0.320         |

Nota: + p<.10, \* p<.05, \*\* p<.01, \*\*\* p<.001. **Fonte:** Elaboração própria a partir de dados da PNADC.

### 5.3. Discussão

A partir do segundo trimestre de 2014 a economia brasileira passou a dar sinais de desaceleração após um período de crescimento quase contínuo que se iniciou em 2004. Contudo, a interrupção do ciclo de expansão levou a uma piora nos indicadores socioeconômicos e no bem-estar geral da população. A recessão durou 11 trimestres e o país só voltou a crescer a partir do primeiro trimestre de 2017, este novo ciclo de econômico, entretanto, foi interrompido no último trimestre de 2019 (CODACE, 2020). Nota-se, entretanto, que apesar do ingresso em um novo ciclo de expansão a partir de 2017, o crescimento econômico se mostrou tímido e o país não conseguiu voltar ao patamar pré-crise em diversos indicadores, em especial na taxa de desocupação que permaneceu acima dos 10% durante todo o período do ciclo (PNADC/IBGE, 2021). A crise econômica atingiu de maneira negativa, principalmente, os domicílios que possuem filhos entre 14 e 18 anos, tendo estes jovens que abandonarem o ambiente educacional em decorrência da crise e dificultando a entrada destes no mercado de trabalho (FONGARO, 2018). Segundo Neri (2019), a queda da renda do trabalho destes jovens foi entre cinco e sete vezes maior que a média geral da população. Além disso, o autor também aponta que o aumento da desigualdade de renda para os jovens entre 15 a 29 anos foi 41,2% maior que para o restante da população.

Sob esta conjuntura, foram realizadas as análises dos condicionantes do *status* de nem-nem para o Brasil em dois períodos distintos. Para todos os modelos estimados, que não os com discriminação por sexo, ser homem foi um fator que diminui a chance do jovem ser nem-nem. Este resultado foi condizente com a literatura nacional e internacional apresentada anteriormente (MASCHERINI, 2019; CAMARANO et al., 2006; MONTEIRO, 2013). Este fenômeno ocorre, pois, as mulheres têm que assumir desde cedo as obrigações domésticas. Quando estas engravidam precocemente possuem maior propensão a abandonar os estudos e, devido a algumas imposições culturais, acabando abandonando suas carreiras profissionais em decorrência do casamento (CAMARANO et al., 2006), o que reforça o quanto as questões de gênero têm um papel relevante na determinação do *status* nem-nem.

As questões de raça não se mostraram muito significativas na análise, exceto no caso das mulheres. Mulheres brancas tiveram menor chance de se encontrarem na categoria de nem-nem em ambos os anos analisados, o que pode indicar que mulheres negras tenham que lidar com a maternidade precoce e a pobreza mais frequentemente que as brancas (DIAS, 2016). A renda domiciliar foi o elemento que mais reduziu a chance do jovem estar na condição nem-nem para todos os modelos em ambos os anos. Este resultado era esperado com base na literatura, o que demonstra que a categoria estudada está diretamente associada a núcleos familiares de baixo poder aquisitivo, o que pode ser um indício de uma perpetuação do ciclo da pobreza nestes domicílios (CAMARANO et al., 2006; DIAS, 2016; NOH; LEE, 2017).

Quanto às questões locais, ser residente de área urbana mostrou-se como uma variável importante para aumento da possibilidade do jovem ser nem-nem para ambos os sexos e grupos etários estudados. O resultado está alinhado com o trabalho de Kovrova et al. (2013), contudo, diverge de Dias e Vasconcelos (2020), Tillmann (2013) e Dias (2016), os quais identificaram que mulheres que residem em áreas rurais têm maior propensão a serem nem-nem. A explicação para o fato dos jovens de áreas rurais possuírem menor chance de estarem sem trabalhar e sem estudar pode estar relacionada à necessidade destes de terem que trabalhar mais cedo para complementar a renda do domicílio. Em relação à região de residência, não ser morador da região Sudeste diminui a chance dos jovens serem classificados como nem-nem em todos os modelos estimados, sendo os moradores da região Norte os menos propensos a serem nem-nem. Tillmann (2013) encontrou um resultado similar, por outro lado, para o trabalho de Kovrova et al. (2013) os moradores desta região são os com mais probabilidade de estarem fora do mercado de trabalho e sem estudar.



A idade foi um elemento que aumentou a chance do jovem ser nem-nem nos modelos 1, 2 e 3 em ambos os anos. Entretanto, a faixa etária que mais eleva o risco do jovem estar nessa condição é a dos 18 a 24 anos. A explicação para esse intervalo etário ter maior possibilidade de estar sem trabalhar e estudar pode estar associada à dificuldade destes de conseguir o primeiro emprego ou de estarem realizando a transição entre o ambiente educacional para o mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio ou superior, enquanto os que possuem entre 25 a 29 anos, em sua maioria, já realizaram essa transição e os que possuem entre 15 a 17 anos ainda estão matriculados na escola. Em 2019, estar na primeira faixa de idade teve um efeito maior nos homens que nas mulheres. A presença de crianças pequenas no domicílio diminuiu a chance do jovem estar na condição de nem-nem para todas as estimações realizadas e, quanto mais crianças presentes nesta residência, menor a chance. O resultado encontrado diverge de outros trabalhos que apontam que o aumento de no número de crianças no domicílio afasta, principalmente, as mulheres do mercado de trabalho e do sistema educacional (CAMARANO et al., 2006; SIMÕES, 2013). Uma possível explicação para o resultado é que a presença de uma criança eleva a despesa do lar e os pais têm a necessidade de estarem empregados para prover as necessidades desta.

Em relação à condição no domicílio, ser filho ou possuir outro grau de parentesco com o chefe da família elevou a chance do jovem ser nem-nem em todos os modelos e em ambos os anos. Já a condição de cônjuge não pareceu relevante nas estimações feitas para 2019, exceto para os homens, os quais tinham menor chance de se encontrar fora do mercado de trabalho e sem estudar caso estivessem nessa posição. Para o ano de 2015, ser cônjuge elevou a chance do jovem se encontrar na categoria estudada, especialmente as mulheres e os jovens de 18 a 24 anos, sendo condizente com outros trabalhos e reforça o aspecto das diferenças de gênero entre os que não estudam e não trabalham. Os lares chefiados por mulheres apresentam maior possibilidade de possuírem um nem-nem, o que pode indicar que a chefia do lar estar sob responsabilidade das mulheres possui um vínculo com a desocupação dos homens desta residência, conforme pontua Tillmann (2013).

A escolaridade do indivíduo apresentou resultados não contínuos, ou seja, ter maior grau de instrução não necessariamente indica que o jovem possui menor chance de estar na condição de nem-nem quando comparados com indivíduos que não chegaram a concluir o ensino fundamental. Os jovens que completaram o ensino médio ou superior tiveram mais chances de serem nem-nem que os que não chegaram a finalizar essas etapas de ensino. Este resultado foi diferente do esperado, mas pode indicar que apenas aqueles que finalizaram o ensino médio sofrem mais com as flutuações do mercado de trabalho e os que possuem o ensino superior podem ser recém-formados em busca do seu primeiro emprego, já para os que não concluíram os outros graus de ensino, talvez seja um indicativo de abandono do estudo para trabalhar para complemento da renda do domicílio.

## 6. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo estimar os efeitos de algumas variáveis condicionantes do *status* de nem-nem entre os jovens no Brasil para os anos de 2015 e 2019, sendo estes anos escolhidos por se tratar de um período em que o país está passando por uma recessão. Foram estimados seis modelos *logit* para estimação, sendo estes separados por sexo, grupo etário e um modelo geral. Houve um aumento da taxa de jovens na condição de nem-nem durante o período saindo de 11,3% em 2015 para 14,6% em 2019. O que evidencia que, apesar da tímida retomada do crescimento a partir de 2017, esta não foi suficiente para melhorar a condição de vida da população jovem do país, os quais foram os mais afetados pela recessão.

De forma geral, com base nos modelos estimados, os fatores de risco que elevam a chance do jovem brasileiro estar na condição de nem-nem são: ser mulher, residir em área

urbana, ter concluído o ensino médio ou superior, ter entre 18 a 24 anos, não ser chefe do domicílio, residir em um domicílio chefiado por uma mulher, estar no primeiro quintil da renda *per capita*, não possuir crianças pequenas no domicílio e morar na região Sudeste.

Em geral, os resultados encontrados foram condizentes com a literatura e não foi observadas uma mudança significativa nas variáveis na comparação entre dois períodos, mas sim uma persistência dos fatores que evitam e que contribuem para o jovem estar na condição de nem-nem. Como implicação para políticas públicas desenhadas para a juventude, sugere-se a criação de mecanismos que evitem uma persistência de longo prazo dos jovens nessa condição, programas que limitem a evasão destes do ambiente escolar e universitário, a ampliação de acesso a espaços para desenvolvimento de capital humano e melhoria do ambiente de negócios para atração de investimentos que possam captar os jovens de maior grau de instrução para o mercado de trabalho. As sugestões para outros trabalhos a serem desenvolvidos são: analisar os jovens na condição estudada antes e depois do quadro recessivo que ainda não foi superado e uma análise das persistências de curto e longo prazo dos jovens nem-nem.

## Referências

ALFIERI, S.; SIRONI, E.; MARTA, E.; ROSINA, A.; MARZANA, D. Young italian neets (not in employment, education, or training) and the influence of their family background. **Europe's Journal of Psychology**, PsychOpen, v. 11, n. 2, p. 311, 2015. Disponível em: <<https://ejop.psychopen.eu/index.php/ejop/article/view/901>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

ALVARADO, A.; CONDE, B.; NOVELLA, R.; REPETTO, A. NEETs in Latin America and the Caribbean: Skills, Aspirations, and Information. **Journal of International Development**, v. 32, n. 8, p. 1273–1307, 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jid.3503>>.

ARCHER, K. J.; LEMESHOW, S. Goodness-of-fit test for a logistic regression model fitted using survey sample data. **The Stata Journal**, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 6, n. 1, p. 97–105, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1536867X0600600106>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

BASTA, M.; KARAKONSTANTIS, S.; KOUTRA, K.; DAFERMOS, V.; PAPARGIRIS, A.; DRAKAKI, M.; TZAGKARAKIS, S.; VGONTZAS, A.; SIMOS, P.; PAPADAKIS, N. Neet status among young greeks: association with mental health and substance use. **Journal of affective disorders**, Elsevier, v. 253, p. 210–217, 2019. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032719301764>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

BINGÖL, U.; AYHAN, F. The Impact of NEET and Labor Market Indicators on Human Development: A Panel Data Analysis for EU-28 Countries. **Journal of Social Policy Conferences**, n. 79, p. 441–468, dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.26650/jspc.2020.79.0158>>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília**, DF, 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.

BYNNER, J.; PARSONS, S. Social Exclusion and the Transition from School to Work: The Case of Young People Not in Education, Employment, or Training (NEET). **Journal of Vocational Behavior**, v. 60, n. 2, p. 289–309, abr. 2002. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0001879101918688>>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O Que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, nov. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3855>>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? In: **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2006. v. 1, p. 259–290. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3296>>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. K. **Microeconometrics: methods and applications**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CODACE. **Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos**. [S.l.]: Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro, 2020.

DIAS, T. S. **Entre ausências, incertezas e labirintos : a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil**. Dissertação (PPGDSCI - Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) — Universidade de Brasília, dez. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/23780>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

DIAS, T. S.; VASCONCELOS, A. M. N. Heterogeneity among Young People Neither in Employment Nor in Education in Brazil. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 688, n. 1, p. 208–224, mar. 2020. SAGE Publications Inc. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0002716220913234>>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

EUROFOUND. **NEETs – young people not in employment, education or training: characteristics, costs and policy responses in Europe**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2012.

EUROFOUND. **Exploring the diversity of NEETs**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2016.

FONGARO, G. O impacto da crise econômica da última década nas famílias brasileiras. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.insper.edu.br/handle/11224/1859>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

GREENE, W. H. **Econometric analysis**. 8. ed. Harlow: Pearson, 2020.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. P. **Econometria Básica**. 5. ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2008.

KOVROVA, I.; LYON, S.; ROSATI, F. C. Neet youth dynamics in indonesia and brazil: a cohort analysis. **Understanding Children’s Work Programme Working Paper Series**, March, p. 1–22, 2013.

MALO, M. Á.; MUSSIDA, C.; CUETO, B.; BAUSSOLA, M. Being a NEET before and after the Great Recession: persistence by gender in Southern Europe. **Socio-Economic Review**, ago. 2021. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8385954/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

MASCHERINI, M. Origins and future of the concept of neets in the european policy agenda. In: **Youth Labor in Transition: Inequalities, Mobility, and Policies in Europe**. New York: Oxford University Press, 2019. p. 503–529.

MENEZES, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. A condição “nem-nem” entre os jovens é permanente. **Policy Paper, Insper**, n. 7, 2013.

MONTEIRO, J. **Quem são os jovens nem-nem? : uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho**. [S.l.], 2013. Texto para Discussão N° 34. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11661>>. Acesso em: 3 de agosto de 2021.

NARDI, B.; ARIMATEA, E.; GIUNTO, P.; LUCARELLI, C.; NOCELLA, S.; BELLANTUONO, C. Not employed in education or training (neet) adolescents with unlawful behaviour: an observational study. **Journal of Psychopathology**, v. 19, p. 42–48, 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2p8az9v9>>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

NERI, M. C. Juventude e trabalho: qual foi o impacto da crise na renda dos jovens. FGV Social, Rio de Janeiro - RJ, 2019. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10438/30805>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2022.

NOH, H.; LEE, B. J. Risk factors of NEET (Not in Employment, Education or Training) in South Korea: an empirical study using panel data. **Asia Pacific Journal of Social Work and Development**, v. 27, n. 1, p. 28–38, jan. 2017. Publisher: Routledge. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/02185385.2017.1289860>>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

OECD. Youth not in employment, education or training (NEET). 2018. Disponível em: <<https://www.oecd-ilibrary.org/content/data/72d1033a-en>>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

PNADC/IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral**. [S.l.]: IBGE Rio de Janeiro, RJ, 2021.

RÉSIO, K. J. V. d. M. **Jovens fora do mercado de trabalho e fora da escola: qual a diferença entre os gêneros?** Dissertação (Programa de Pós-graduação em Administração) — Universidade Federal de Goiás, jun. 2017. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7534>>. Acesso em: 7 de agosto de 2021.

ROSSI, C. **Os impactos dos programas condicionais de transferência de renda na oferta de trabalho dos jovens nem-nem**. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) — Universidade de São Paulo, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-15082017-182203/>>. Acesso em: 7 de agosto de 2021.

SHIRASU, M. R.; ARRAES, R. D. A. E. Avaliação dos custos econômicos associados aos jovens nem-nem no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 40, p. 161–182, fev. 2020. ISSN 0101-3157, 0101-3157, 1809-4538. Publisher: Centro de Economia Política. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/rep/a/xKjBk5gzLqrHgZs37jMwJTG/?lang=pt>>.

SILVA, E. R. A.; VAZ, F. M. Os Jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10414>>. Acesso em: 25 de julho de 2021

SOCIAL EXCLUSION UNIT. **Bridging the gap: New opportunities for 16 - 18 year olds not in education, employment of training**. London: The Stationery Office, 1999.

TILLMANN, E. A. Escolaridade, rendimentos e desigualdade de gênero entre os jovens no Brasil. 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87462>>.

WICKREMERATNE, N.; DUNUSINGHE, P. Youth Not in Education, Employment and Training (NEET) in Sri Lanka. **Advances in Economics and Business**, v. 6, n. 5, p. 339–352, set. 2018. Publisher: Horizon Research Publishing. Disponível em: <[http://www.hrpub.org/journals/article\\_info.php?aid=7517](http://www.hrpub.org/journals/article_info.php?aid=7517)>. Acesso em: 28 de julho de 2021.